

**Penitentes do Alto do Tabor:
práticas de penitência e memória na construção da história do lugar ¹**

Wilca Maria de Oliveira

Doutora em Letras – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN),
Pau de Ferros, Rio Grande do Norte

 <https://orcid.org/0000-0002-5683-8131>
E-mail: wilcaanacleto@hotmail.com

Maria da Paz Cavalcante

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pau de Ferros,
Rio Grande do Norte

 <https://orcid.org/0000-0003-0893-2411>
E-mail: mariapaz@uern.br

Resumo: O trabalho trata do surgimento de uma irmandade, denominada de Penitentes do Alto do Tabor e de suas práticas de penitência. Objetiva analisar aspectos do surgimento dessa irmandade e suas práticas penitenciais, como elementos construtores da história do lugar. Utilizou-se da abordagem qualitativa e do método da História Oral. E, como técnica, de entrevistas semiestruturadas com anciões da comunidade *locus* da investigação. A análise revela o surgimento dessa irmandade nos primeiros anos da década de 1930, extinguindo-se, possivelmente, nos primeiros anos da década de 1990. Constatou-se uma forte relação da história desses penitentes com a de Santo Inácio de Loyola. As práticas de penitência envolviam oração, cantos e autoflagelação. A importância do tratamento dado à história do lugar se configura como uma busca na valorização de múltiplas identidades culturais e sociais, respeitando-as, defendendo-as e fortalecendo a cidadania.

Palavras-chave: Memória; História; Lugar; Práticas de Penitência; Irmandade.

Penitents from Alto do Tabor: penance acts and memory in the history's construction of the place

Abstract: The work talks about the emergence of a brotherhood named “Penitentes do Alto do Tabor” and its penance acts. It aims to analyze aspects of the emergence of this brotherhood and its penitential acts, as composing elements of the history of the place. The qualitative approach and the Oral History Method were used. And, as a technician, semistructured interviews with elders from the community locus of investigation. The analysis reveals the emergence of this brotherhood in the early 1930s, extinguishing, possibly, in the early 1990s. There was a strong relation between the penitent's history and that of Saint Inácio de Loyola. The penance acts involved, singing and self-harm. The importance of the treatment given to the history's place is configured as a search for the valuation of multiple cultural and social identities, respecting them, defending them and strenghtning citizenship.

Keywords: Memory; History; Place; Penitence Acts; Brotherhood.

Texto recebido em: 27/03/2022

Texto aprovado em: 27/05/2022

Introdução

A memória de um povo, como um patrimônio social, possibilita às gerações adultas introduzirem às novas em um legado permeado de histórias. A cultura universal, assim como a de um país, de uma comunidade, manifesta-se por meio de expressões pessoais e coletivas. Nesse trajeto, a memória nos acompanha, de modo que há quem goste de lembrar de inúmeros acontecimentos e outros que preferem esquecer vários deles. Ela é um recurso largamente utilizado pelo homem, seja para o uso de sua formação individual e compreensão de seu papel na sociedade, seja para o entendimento da dimensão física, política, social e emocional dos fatos ocorridos.

Concordamos com Custódio (2012, p. 4) quando explicita que além de fenômeno individual e psicológico, a memória é principalmente um fenômeno social, uma construção derivada das relações sociais estabelecidas pelos atores sociais.

Para Tulving (1985), existe uma memória que ele chama de semântica que guarda as palavras e outros símbolos, a língua materna e o conhecimento de fatos. Nesse processo, a capacidade de reter fatos na memória varia de pessoa para pessoa, dependendo das circunstâncias, da quantidade de repetição, dos elementos auditivos, visuais, olfativos ou mesmo do lugar em que ocorrem.

A memória, mesmo estando ligada ao desejo de expressão verídica de acontecimentos, é conduzida pela compreensão e limitação de seu recordador. Nesse sentido, a linguagem utilizada, os gestos, a visão, os sons, a emoção precisam ser decodificados para serem avaliados se são importantes ou não.

Conforme Mosé (2007) cada um só sabe mesmo aquilo que suporta saber. Independente desse saber ser considerado bom ou não. Essas memórias, que são selecionadas, estão carregadas de subjetividade do indivíduo que viu, ouviu e sentiu a seu modo.

Assim, na tentativa de recuperar parte da história dos Penitentes do Alto do Tabor – uma irmandade que vicejou na Vila São Bernardo, interior do Estado do Rio Grande do Norte, e que se encontra na memória de pessoas idosas – consideramos as condições concretas e subjetivas nas quais se ancorou a motivação de homens para, através de penitências como preces e autoflagelação, atingir determinados objetivos como a vinda de chuvas e a expiação dos pecados.

Para Machado (2014), o assunto penitência, ainda é escasso no âmbito de trabalhos acadêmicos ou de registro materiais, pois, até “nas obras mais antigas

não têm a penitência como objeto de estudo, estas apenas perpassam as memórias e histórias que compõem suas narrativas”. (MACHADO, 2014, p. 35).

A prática da penitência, dos Penitentes do Alto do Tabor, está relacionada ao contato espiritual, através da invocação do poder de santos, de divindades católicas, a exemplo do Divino Espírito Santo, Sagrado Coração de Jesus e Sagrado Coração de Maria.

Os documentos escritos a respeito da história da Vila São Bernardo, assim como da existência dessa irmandade nessa Vila, são escassos. Nos registros de Figueiredo (1940), encontramos apenas uma generalização sobre a vida rural de todos os lugares que perfaziam o município de Luís Gomes/RN, do qual a vila citada faz parte. Os lugares foram descritos como *frugal*, sendo que “dos roçados afluem satisfeitos às suas modestas, todos que se entregam ao cultivo da terra”. (FIGUEIREDO, 1940, p. 39).

Em um DVD, de um projeto interdisciplinar sobre *A História e a Cultura dos Povos da Serra do Bom Jesus*, produzido pela Escola Estadual Coronel Fernandes (2007), há uma referência ao que se encontra em um livro de Tombo, da Paróquia de Senhora Santana de Luís Gomes/RN, no qual o Pe. Raimundo Caramuru (1955) faz menção a um contato que teve com os penitentes, cuja organização apresentava um sentido nas penitências que realizava.

No lugar, onde vivem hoje os depoentes, há espaços dedicados ao sagrado, como oratórios, os cantinhos de devoção onde as imagens (de gesso, madeira ou papel) são postas em relevo, tanto nas casas quanto nas capelas da Vila.

Autores como Holzer (1999), Santos (2008), Tuan (2013), Corrêa e Rosendahl (2007), são defensores de que o lugar deve ser tratado do ponto de vista da Geografia Humanista e que devemos ver e analisar o mundo, a terra e seus espaços desbravados, conhecidos e modificados pela ação humana através das relações que as pessoas estabelecem com eles.

O lugar, como nos diz Tuan (2013, p. 47), “adquirir profundo significado para o adulto mediante o contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos”. Nos preceitos da irmandade, o se posicionar dentro de um determinado espaço, deveria favorecer a meditação individual e coletiva no contato espiritual com o sagrado e proteger seus membros da incompreensão e/ou especulação alheia.

No desbravamento de novas terras, novos espaços e lugares, que vão assumindo contornos públicos, germina o sentido individual e coletivo de crenças que os homens podem deixar habitar em si e no lugar.

Diante do exposto, objetivamos analisar aspectos do surgimento dos Penitentes do Alto do Tabor e suas práticas de penitência, como elementos construtores da história do lugar.

O lugar da irmandade dos penitentes do Alto do Tabor

Na Antiguidade, a escolha de um lugar se dava em razão da necessidade de terras férteis e da disponibilidade de água. Na atualidade, dentre as possibilidades que o mundo globalizado oferece, o que leva um homem a escolher um determinado lugar? Heidegger (1992, p. 179 *apud* HOLZER, 1999, p. 76) explicita que “a habitação e o lugar se configuram como a morada do Quadripartido (*das Geviert*), composto pela terra, pelo céu, pelo divino e pelos mortais em sua unidade original”. A escolha do lugar é determinada por variáveis que conjugam fatores tanto de ordem física, biogeográfica, de religiosidade, de afetos e de crenças.

Para Santos (2008, p. 35), “quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, únicos”. A memória, com a qual se faz história, permite-nos afirmar que o lugar se relaciona com uma atribuição de valor dada por aqueles que nele habitam.

Para Eliade (2013, p. 17), o lugar tem “um sentido de sagrado, de hierofânico, conferindo-lhes uma “personalidade” manifestada pela apreciação visual ou estética e pelos sentidos a partir de uma longa vivência”. A relação estabelecida entre a religiosidade e o lugar se dá no sentido topofilico (referente à relação afetiva positiva, que o indivíduo estabelece com o lugar) e considerando a influência que a religião exerce na vida dos indivíduos.

Nesse sentido está a relação que os Penitentes possuíam com o Alto do Tabor e com os demais lugares escolhidos para a prática de preces e autoflagelação. A escolha do lugar para a realização dos rituais deveria ser acessível para todos (que os membros em localidades mais distantes pudessem comparecer) e reservado (para a realização das práticas de autoflagelação), pois além de representar a segurança física, (ainda que estivessem entre familiares e amigos), os rituais exigiam uma ligação, muito particular com as entidades espirituais, movida pela fé.

Nesse sentido, a fé pode ser entendida como um “sistema de crenças manifestada por meio de uma doutrina e ritual próprios” (JURKEVICS, 2004, p. 20), Assim,

A religião se nos apresenta como uma organização racional da fé, enquanto a religiosidade atesta ao fiel o sentido interno do sagrado. A primeira se apresenta como a institucionalização, a concretude organizacional e, a segunda, refere-se ao sentido individual da crença, o encontro solitário com o sagrado que exige um 'afastamento' do mundo profano. (JURKEVICS, 2004, p. 20).

As representações de fé podem ser expressas em práticas de jejum, abstinência de algum alimento, autoflagelação, no guardar do dia (destinado pelo calendário católico para aquele santo de devoção), dentre outras práticas rotineiras como novenas e orações.

O lugar, destinado às práticas de penitenciais, trouxe uma visibilidade, como um dos símbolos da existência da irmandade, expresso na capela do Alto do Tabor, edificada e mantida até a atualidade na Vila São Bernardo. Para Tuan (2013, p. 171) existe um importante elemento na ideia de lugar que ele chama de permanência, pois “as coisas e os objetos são resistentes e confiáveis de modo diferente dos seres humanos com suas fraquezas biológicas e mudanças de humor”.

O lugar, como um espaço geograficamente modificado pelo homem, nasce e prospera de acordo com os vínculos que constituímos com ele e através dele. O lugar é carregado de afetos, de sentidos que lhe conferimos e, dependendo de como se configura a relação de afeto e sentido que desenvolvemos com ele, lutamos para protegê-lo, preservá-lo, demovê-lo, removê-lo.

Na cartografia do lugar, rastros e caminhos nos conduzem a uma metodologia da investigação

O presente estudo é desenvolvido no âmbito da abordagem qualitativa com a utilização do método da História Oral. O interesse por essa abordagem reside na interpretação dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações, em uma realidade socialmente construída, que ao ser auxiliada pelo método da História Oral pode ser (re)contada, registrada.

Conforme Flick (2009), nessa abordagem, há um destaque à análise de experiências individuais e coletivas, histórias biográficas e do cotidiano, bem como o exame de interações e comunicações que se estabelecem baseados na observação e no registro de práticas de interação, de comunicação e de documentos (textos, imagens, entre outros).

Quanto ao método da História Oral, este nos permite, como apregoa Moreira e Rosa (2009), dar voz aos “sem voz”, aos anônimos, além do potencial poder de explicar interpretações não oficiais de problemas sociais e educativos. Assim, a História Oral, possibilita-nos “recuperar memórias locais, comunitárias, regionais, étnicas, de gênero, nacionais, entre outras, sob diferentes óticas e versões”. (DELGADO, 2010, p. 15).

No caminho dos Penitentes do Alto do Tabor está a oralidade e o resgate da história de homens e de um lugar marcados pela fé católica. Começamos a busca desse passado, encontrando pessoas que conviveram com os Penitentes, hoje restritas a um número bem pequeno de anciões, dado à evolução do tempo cronológico.

Na construção dos dados, utilizamo-nos de entrevistas semiestruturadas. Elas foram realizadas, de forma individual, com três moradores da Vila São Bernardo. Essas entrevistas foram registradas em vídeos curtos e se efetivaram em lugares que consideramos terem auxiliado a memória e a narrativa dos entrevistados. Assim, entrevistamos os moradores dessa Vila em suas próprias residências ou na calçada – esta, apontada por um deles como sendo o melhor lugar para conversar.

Através da memória desses entrevistados, reconstituímos parte do caminho dos Penitentes do Alto do Tabor, no tocante ao seu surgimento e práticas de penitência, como elementos construtores da história do lugar. E, ao fazermos esse percurso, revestimo-nos dos “preceitos da humildade de considerar que qualquer conhecimento encontrado é aproximado, é construído”. (MINAYO, 2007, p. 12).

A população escolhida, para o desenvolvimento da pesquisa, encontra-se composta pelos habitantes idosos (lúcidos), moradores da Vila São Bernardo e que conviveram com os Penitentes. Para preservar suas identidades usamos os seguintes codinomes: Monte Alegre, Baixa Verde e Bom Jardim. O critério de escolha para esses codinomes foram os lugares, nomes das localidades que comportam a antiga Serra do Bom Jesus (hoje denominada de Luís Gomes).

Monte Alegre

Nasceu em 1928. Muito católica e devota de Santo Antônio, recebeu-nos em sua casa, cercada de santos e livrinhos de orações bem desgastados pelo tempo e uso contínuo. Nasceu e viveu toda sua vida na Vila. Filha de penitente, cresceu ouvindo e praticando os ensinamentos da fé professada por seus pais e familiares. Em suas

memórias estão contidas as falas dos decuriões sobre a rigurosidade e a vigília permanente de sua alma, para não se desvirtuar da fé. Não lembra mais, por inteiro, dos cânticos das *incelências*, mas em sua voz miúda que contrasta com a grandeza do seu olhar, exprime os versos favoritos dedicados a Santo Antônio, seu santo de devoção.

Baixa Verde

Alegre, de espírito extrovertido e muito amável. Descreveu-nos em minúcias as perguntas e interpelações. Recebeu-nos em sua calçada de onde apontava, vez por outra, os lugares dos acontecimentos narrados. Nasceu em 1942, traz muitas memórias sobre as histórias que seus tios contavam acerca da formação inicial dos Penitentes do Alto do Tabor – do ritual de iniciação às exigências espirituais. Sempre morou na Vila, cuidando da terra, aconselhando os mais jovens sobre a necessidade de praticar o bem, de fazer retiros espirituais no Alto do Tabor e de cultivar a fé em Deus, e em Nossa Senhora. Em sua memória estão gravados ensinamentos de Santo Inácio de Loyola e nomes dos primeiros penitentes.

Bom Jardim

Atencioso, de linguagem simples, compreensiva e objetiva. Recebeu-nos em sua sala de trabalho, próximo ao quadro da matriz. Nasceu em 1940. Em suas memórias estão contidas as datas, os nomes de pessoas e acontecimentos singulares relacionados às práticas de penitência e a origem dos lugares investigados: a Vila São Bernardo e Alto do Tabor. Portador de uma memória privilegiada, lembra datas, nomes dos primeiros habitantes, a origem do nome pelo qual sua família tornou-se conhecida (Borracheiros) e as correlações entre os moradores da Vila e os Penitentes do Alto do Tabor. Religioso, mora atualmente em Luís Gomes e mantém grande respeito ao legado e à memória daqueles com quem compartilhou sua fé.

Aos moradores perguntávamos: – “O(a) senhor(a) conhece a história dos Penitentes do Alto do Tabor?” Quando a resposta era afirmativa, continuávamos: – “Pode nos contar?” – Novamente esperávamos a confirmação para avançar na entrevista, dizendo: “Conte para a gente, por favor”. Só interferíamos nos momentos em que a memória conduzia a oralidade para outras searas, que não a dos Penitentes.

Quanto à localização geográfica da irmandade, apresentamos-lhes o Alto do Tabor e São Bernardo.

Alto do Tabor

O Alto do Tabor pertence à Vila São Bernardo e se distancia cerca de um quilômetro dessa Vila. O lugar pode ser avistado dentre outros remodelados maciços rochosos que compõem o relevo. No verão chuvoso, eles se sobressaem na vegetação da Caatinga como um mar de morros verdes, devido aos contornos arredondados que, admirados sob a luz do sol produz, segundo a oralidade, um efeito repousante, consolador.

O lugar foi batizado de Alto do Tabor pelos primeiros Decuriões² devido a característica geológica (alto) e Tabor em alusão ao monte da transfiguração de Cristo. Também foi escolhido por ser um local afastado, ideal para realização do ritual de penitência da irmandade. Conforme os entrevistados (2015), inicialmente foi erguido apenas um cruzeiro menor, depois um outro cruzeiro foi colocado e, recentemente (mas sem data definida), foi erguida a capela, doada por uma senhora descendente de um dos antigos moradores da Vila São Bernardo, como gratidão pela obtenção de uma graça alcançada.



Fonte: Autores (2015).

FIGURA 1
Alto do Tabor

Vila São Bernardo

A Vila São Bernardo pertence ao município de Luís Gomes e é conhecida, também, como Sítio Oliveira. Segundo Nascimento (2016), encontra-se a aproximadamente a quatro quilômetros de distância desse município.

De acordo com os entrevistados, Baixa Verde e Bom Jardim (2015), a comunidade surgiu a partir da aquisição de uma gleba de terra adquirida de seu então proprietário, o Senhor Gaudêncio Torquato do Rêgo, pelo valor de 500 réis o palmo de terra, durante a primeira metade da década de 1940, pelo patriarca da família Bernardo.

Conforme o censo demográfico de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o distrito de São Bernardo conta com 2.238 habitantes. Destes, a grande maioria são descendentes dos fundadores (família Bernardo), conhecidos popularmente como os “Borracheiros”. Dentre essas pessoas estão os nossos entrevistados.



Fonte: Autores (2015).

FIGURA 2

Vila de São Bernardo vista do Alto do Tabor

Os moradores da Vila preservam, ainda, os hábitos de seus antigos moradores, dentre eles, os Penitentes do Alto do Tabor. Participam das missas (quando celebradas na capela de Nossa Senhora das Graças) e celebram novenas aos santos da tradição local como: São José (março), Nossa Senhora das Graças (maio) e Santo Antônio (junho).

Até meados do século XX, os habitantes dessa Vila passavam seus dias cuidando das atividades típicas de famílias de outras vilas ou sítios da região. A base de sustento era a agricultura (plantavam milho, feijão, batatas, alguns tipos de verdura e hortaliças) e a criação de pequenos rebanhos (gado bovino, caprino, suíno, ovinos e muares).

De modo geral, a divisão do trabalho obedecia aos costumes locais; as mulheres se encarregavam de cuidar dos afazeres domésticos e os homens do provimento da família.

Durante o período tratado nessa pesquisa – início dos anos de 1930 aos fins de 1990 – há, ao lado dessa temporalidade, relações que as pessoas mantinham com o lugar, e entre si, possibilitando o surgimento dos Penitentes do Alto do Tabor.

As datas precisas do início, do primeiro ato de penitência individual ou coletiva dos homens que ficaram conhecidos como os Penitentes do Alto do Tabor, não se tem registro. As pessoas entrevistadas não recordam com exatidão as datas. Portanto, para melhor traçar uma linha do tempo, utilizamos o recurso da idade de cada entrevistado para a comparação dos eventos existentes.

Fé e lugar na história dos penitentes do Alto do Tabor

A existência da irmandade dos Penitentes do Alto do Tabor é expressa, além da oralidade, no Cruzeiro no Alto do Tabor, na *Disciplina* (chicote utilizado nos rituais) e em um Livro de Tombo (1955), da Paróquia de Senhora Santana em Luís Gomes/RN, no qual o vigário, nessa data, relata a existência dessa irmandade – conforme registro em um DVD, produzido pela Escola Estadual Coronel Fernandes (2007), que diz o seguinte:

Nesse tempo, segundo semestre de 1955, tive contato com os chamados penitentes. Já tivera notícias deles, quando da minha viagem ao sítio Caititu para examinar, ali de perto, a possibilidade de construir uma capela. Esses penitentes têm uma organização mais ou menos secreta. Entre eles há um chefe chamado no modo de falar deles de gurião, acho que seja corruptela de “Decurião”. A denominação tem o seu sentido nas penitências que fazem. Em certos tempos eles se reúnem a meia-noite, secretamente, em um lugar previamente combinado e ali rezam, cantam e se açoitam até sair sangue. Nessas horas trajam grotescamente, trazendo as calças arregaçadas até os joelhos. Alguns são bem aproximados da igreja, outros por exemplo, o chefe, que cheguei a conhecer, nem sequer faz a páscoa. Eles estão espalhados, sobretudo na zona oeste desta

cidade ou da paróquia, uns na chapada da serra, outros no sertão (PE. RAIMUNDO CARAMURU, 1955. *Apud.* ESCOLA ESTADUAL CORONEL FERNANDES, 2007).

Até o ano de 1955, esse era o único registro da existência dos penitentes de forma documental. Para a manutenção do sigilo, os Penitentes contavam com uma espécie de barreira geográfica³, amigos e familiares que os favoreciam, que lhes ofereciam a casa para os encontros, cercando-os de cuidados e deferências, mantendo-os ocultos.

Com a morte (da maioria) destes penitentes, as comunidades circunvizinhas passaram a tomar conhecimento sobre o legado desses homens. Aos poucos, as histórias foram sendo transportadas para outros lugares.

Quando perguntávamos aos anciões quando e como surgiram os primeiros penitentes, eles ficavam buscando na memória o mais antigo. Esperávamos um pouco e retomávamos: “Vamos voltar, lá atrás, quando o senhor ou a senhora era criança. Que nome de penitente lhe vem à mente? “*Ciço Birro*”, dizia um, “*meu bisavô*”, dizia outro. E assim foram se lembrando dos acontecimentos e dos penitentes mais antigos.

A busca de elementos e acontecimentos que pudessem nos auxiliar quanto à temporalidade que demarcasse o surgimento da irmandade nos fizeram indagar: Quantos anos o senhor, ou a senhora tinha, quando ouviu falar de *Ciço Birro*? “Eu era rapazote, devia ter de 13 pra 14 anos e *Ciço Birro* já era idoso” – dizia um. “Ainda nem acompanhava papai para o curral”, lembrava outro. E, pela idade atual de cada um, fizemos um paralelo entre a possível década do ocorrido.

Por vezes, conseguíamos até identificar o início e o fim de cada década, pois eles se lembravam de uma grande seca, do nascimento de um filho, do próprio casamento ou do casamento de um irmão, de um amigo. De uma chuvarada muito forte, da chegada de um padre, de um representante político, da morte da mãe ou de algum outro ente querido.

A memória das três pessoas, que conviveram com os Penitentes, faz referência aos primeiros anos da década de 1930 (como sendo o provável início da chegada de *Ciço Birro*, o idealizador e primeiro Decurião da irmandade), extinguindo-se, possivelmente, nos primeiros anos da década de 1990 (época que coincide com o envelhecimento e a morte de Joanes Bernardo de Araújo, o último Decurião).

Alguns dos patriarcas, das primeiras famílias da Vila São Bernardo e fundadores da irmandade que viria a ser conhecida como os Penitentes do Alto do Tabor, foram: Cícero Agostinho (Ciço Birro), Hermenegildo Bernardo de Araújo, Pedro Bernardo de Araújo, José Bernardo de Araújo (Pai Vêi), Antônio Borracheiro, Joanes Bernardo de Araújo (filho de Pai Vêi). A sequência desses nomes foi construída conforme a cronologia das informações, obedecendo as prováveis idades e parentescos dos penitentes. É possível que tenha havido outros decuriões, cujos nomes passaram despercebidos para os nossos entrevistados.

Segundo Machado (2014), a penitência no Nordeste teve seu florescimento por incentivo do Padre Ibiapina, quando em 1855 começou um trabalho missionário pelos sertões do nordeste. Ainda segundo a autora, Padre Ibiapina empreendeu missões em outras localidades da província, como: Crato, Barbalha, Missão Velha, Milagres, Porteiras, Itapipoca, Canindé, dentre outras. “Mesmo com a saída de Padre Ibiapina do Cariri cearense (1870), (...) as obras e as ordens religiosas criadas pelo padre continuaram beneficiando as populações. Alguns grupos de penitência atribuem sua criação ao padre, entre eles: Irmandade da Cruz e Santas Missões, ambas do município de Barbalha”. (MACHADO, 2014, p. 34).

Baixa Verde (2015), falando sobre a constituição dos Penitentes do Alto do Tabor, diz-nos:

Não recordo o ano também porque faz muito tempo que quando eu nasci em 50... chegou um cidadão de Icopiara no Ceará, o nome dele chamava Ciço Agostinho, e o apelido chamava Ciço Birro o popular Ciço Agostinho, aí ele morando lá no Monte Alegre, que lá tem uma vilazinha que é também tem uma igreja de Santo Antônio que era da minha sogra (...) falou com papai, como é que vamo fazer? Ele disse: caça aqueles homens de fé, aqueles homens da oração, que tem fé mesmo, que aí faz, isso é uma coisa em segredo, que a gente não pode fazer assim pra todo mundo saber quem é não (...) Aí o pai, já na época tinha idade, pois abaixo de 18 não podia entrar não, e tinha mais outros que podiam acompanhar quem não tinha Decurião. Daí fundou a religião de penitente (BAIXA VERDE, 2015).

O tempo que ele recorda é o da juventude de seu pai. E assim, expressa com relação ao ingresso na irmandade: “Aí o pai, já na época tinha idade, pois abaixo de 18 não podia entrar não...”. Dando continuidade, rememora algo que lhe fora confiado por seu pai e membros da família: “O nome dele era Cícero Agostinho, mas era conhecido como Ciço Birro. Contavam que ouve esse exemplo de Santo Inácio fundar a religião de Penitente, e tem uma coisa, era bem aceito na época e o povo fazia com fé e devoção!” (Baixa Verde, 2015).

Baixa Verde (2015), discorre sobre uma fala proferida por Seu Ciço Birro, à uma pessoa de sua família, explicando que, para formar um grupo de penitentes, era preciso escolher as pessoas de fé, de muita fé. Também era necessário ter compostura e respeito aos preceitos da irmandade, dos quais um era o conhecimento dos ensinamentos de Santo Inácio de Loyola. Nessa direção e sobre isso o surgimento da irmandade, vejamos o que nos diz Bom Jardim (2015):

Os penitentes é coisa antiga, muito antiga, é coisa fina... Eu tinha muito conhecimento, com os Decuriões, quem ministrava aquele grupo... Antônio Borracheiro era meu tio e, Ciço Birro lá da Arara... O Antônio Borracheiro era penitente, aí devido à distância, questão de estrada, vim prá fazer aquelas visitas nas casas foi criou o Decurião do grupo daqui da Serra... Aí ficou Antônio Borracheiro, era meu tio... e eu conversando muito com ele, aí eu perguntando o que significava, qual o sentido porque? Porque? Aí ele me disse “você leia, leia” me disse até um livro de história, de Santo Inácio de Loyola. Aí eu arranjei o livro com Ti Zé que era militante também, e eu li umas partes, contando a história de Santo Inácio que era, o patrono dos Penitentes... era uma tradição dos avós, dos bisavós dele, Ciço Birro. (BOM JARDIM, 2015).

Nesses depoimentos os entrevistados fazem menção à Santo Inácio de Loyola, na relação com a dimensão religiosa, constituindo um fundamento da irmandade.

Há uma pequena divergência quanto à morada de Seu Ciço Birro nas falas de Baixa Verde e Bom Jardim. Como os Sítios Monte Alegre e Arara ficam relativamente perto, algumas divisões geográficas ficam subentendidas. Há moradores que obedecem a uma determinada linha divisória, muitas vezes imaginável. Sabemos que as localidades rurais, dada a sua extensão pouco habitada, recebe uma divisão territorial ou nominal em função dos caminhos, estradas, rios ou das cercas que os proprietários das terras erguem.

Para ingressar na ordem de penitente era preciso ler, conhecer a história de Loyola. Conforme Rohrbacher (2015), Santo Inácio conseguiu a expiação de suas desordens passadas através da maceração do corpo e dos jejuns sendo, portanto, um exemplo de virtude a ser seguido por homens de expressão de fé.

Bom Jardim fala da importância dos ensinamentos de Santo Inácio de Loyola para a irmandade dos Penitentes do Alto do Tabor, quando relembra uma frase de seu tio: “Você leia, leia” (o livro com os ensinamentos de Santo Inácio), considerado por seus tios como o patrono dos penitentes. Também nos lembra que estes existiram há bastante tempo, quando diz: “Penitente é coisa antiga, muito antiga”.

Apesar de não se declarar como um possível penitente em sua juventude, Bom Jardim revela que, para fazer parte da irmandade, era preciso ter certos

conhecimentos e aponta a leitura do livro da vida de Santo Inácio de Loyola, como um dos requisitos para a iniciação na irmandade, enfatizando o que lhe fora dito por seu tio: “Você leia, leia”. Vários membros da família de Bom Jardim foram penitentes, tanto esse tio que indicou a leitura da vida de Santo Inácio, como o outro tio que emprestou o livro.

A origem desse livro caminha junto com o percurso traçado por essa pessoa tão lembrada que é o Seu Ciço Birro – retratado como um ser quase místico, que através de sua persistência e religiosidade, fundou a irmandade que entraria posteriormente para a história como “Penitentes do Alto do Tabor”.

A figura de Seu Ciço Birro compõe o cenário para o desfecho da história desses penitentes. Vindo do Ceará, de um Estado conhecido, até hoje, de penitentes como os Romeiros do Padre Cícero.

Tanto Ciço Birro quanto os demais penitentes conseguiram, junto à comunidade, desenvolver seus ensinamentos que através da oralidade foram sendo contados, recontados pelos moradores mais antigos até chegar aos dias atuais.

Como inicialmente os rituais de penitência eram realizados nas casas dos moradores da Vila São Bernardo e de localidades vizinhas, é provável que os Penitentes do Alto do Tabor tenham recebido essa denominação anos depois da sua formação inicial.

Como a identidade de um penitente não podia ser revelado – ainda que seus parentes e a comunidade soubessem – na atualidade, alguns membros da comunidade de São Bernardo se recusam a falar sobre o assunto temendo que os pecados do penitente (já falecido) possam, de algum modo, vir lhe assombrar ou castigar. Essa ocultação da identidade pode ser compreendida como um dos preceitos da irmandade para a preservação de seus componentes em relação à manifestação de suas práticas de penitência.

O tempo, para os que almejam ou idealizam a salvação é a eternidade, incalculável, imensurável. Nesse percurso, para chegar aos “ouvidos” de Deus o homem constrói templos, ergue altares, reverencia pessoas, tidas como exemplo, martiriza-se, flagela-se, ritualiza suas oferendas, se expõe ou se recolhe da forma mais humilde possível, para que lhe seja lícito derrubar as fronteiras entre o profano e o divino.

Sartre (2011, p. 63) profere que “quando os caminhos traçados se tornam muito difíceis, ou quando não vemos caminho algum, não podemos mais viver num mundo tão urgente e tão difícil (...). Então, tentemos mudar o mundo, isto é vivê-lo

como se as relações das coisas com suas potencialidades não estivessem reguladas por processos deterministas, mas pela magia”.

Em um lugar sagrado há a permissão para o homem poder habitar um mundo bem distinto daquele em que vive (onde impera fraquezas humanas como a fome, as doenças, a dor, o ódio, a inveja, a ganância, etc.); um mundo, isento de limitações e imperfeições humanas.

Na memória dos idosos, o escudo do sigilo: na mão, empunham a disciplina da vida que voa e os males açoita esperando remissão

O registro do que fora expresso, durante as entrevistas, fizeram-nos aproximar da origem da irmandade, que entrou para a história do lugar como os Penitentes do Alto do Tabor. Essa irmandade, que vivenciava expressões de fé no encontro com o sagrado, entoava benditos, orações e praticava a autoflagelação. Sobre os benditos, eis o que nos fala um dos entrevistados: “Quem sabia dos benditos e das excelências era Santana Gamela. Eu sabia muito bendito, aí ti Tonhim vinha lá pra casa e eu anotava os benditos (...) pra mim. As excelências tinham doze estrofes, as excelências que eles diziam e se açoitavam, pedindo chuva, pedindo tudo. Eu decorei, eu copiava tá entendendo”? (BOM JARDIM, 2015).

Os benditos eram cantados⁴ tanto para agradecer quanto para pedir algo ao Divino. Alguns deles ficaram conhecidos como *inzelências* (uma provável corruptela da palavra excelência). O entoar benditos traz traços de encantamento no elo com a beleza do encontro com aqueles que vão entoá-los.

Bonito era o encontro dos Penitentes do Venha-Ver⁵ lá na casa de Corró e Pautílio Belo, lá na Arara. Ciço Birro já idoso, eu tinha de treze para catorze anos, ia pela farra, pra namorar (...) tinha muita gente: Chico Birro, João Birro, Geraldo Birro, Antônio Birro. O Decurião dos Penitentes do Venha - Ver era de nome Leandro, também idoso. Às vezes eles combinavam de se encontrar na casa de Maria Pereira no Sítio Serrinha. Aí se juntava os Penitentes do Alto do Tabor com os Penitentes do Venha-Ver, lá na Arara. Cantavam o tempo todo o bendito de Santo Izídio.⁶ (BOM JARDIM, 2016).

Para melhor entendermos o deslocamento geográfico dos penitentes, é preciso explicitar que da Vila São Bernardo para o Sítio Arara, obedecendo aos contornos do relevo, contava-se à época, catorze quilômetros de distância (se fosse em linha reta, daria uns seis quilômetros).

Do Venha-Ver para o Sítio Arara são, aproximadamente, de oito a dez quilômetros. E a casa de Maria Pereira ficava no Sítio Serrinha, a um quilômetro da Vila São Bernardo. No que observamos haver, na época, uma rede de proteção ao culto dos penitentes que se relaciona com a acolhida em casas particulares para a realização de atos penitenciais.

Dando continuidade, buscamos saber se os entrevistados se lembravam de alguma das *excelências*. Eles se lembravam daquelas que eram cantadas para pedir ou para agradecer chuvas. Porém, Monte Alegre (2015) nos disse que “havia excelência até para quem comia ovo sem sal” – referindo-se a quem se entrega a determinados vícios.

Na memória de nossos anciões, encontramos registros de bênçãos recebidas como a da vinda de chuva. Bom Jardim (2016), por exemplo, lembrou-se de um momento em que, mesmo antes de terminar a penitência, chovia. E acrescentou dizendo que na ocasião, entoavam o bendito de Santo Izídio, assim:

Ó meu Santo Izídio
Lavrador casado
Ouvi o nosso clamor
Seja nosso advogado
Não deixai morrer de sede
Nem a planta nem o gado

413

Os pedidos eram para manter a sobrevivência. Em uma terra acostumada a grandes estiagens, pedir chuvas e ser agraciado por elas era uma demonstração de que o Divino escuta e atende as preces de quem se faz pequeno em oração, penitência e humildade.

Ao lado de práticas de preces, como as da *incelências*, havia a do Ofício de Nossa Senhora, a da Oração de São Bento e o *Respôncio* de Santo Antônio. Sobre o *Respôncio*, vejamos o que nos diz Monte Alegre (2015): “O *Respôncio* de Santo Antônio, é uma reza forte, minha filha. Se milagres desejais, recorrei a Santo Antônio”. O entrevistado nos apresentou o *Respôncio* constituído de sete estrofes das quais apresentamos uma ao leitor, seguido da imagem do livro que lhe deu origem.

Se milagres desejais,
Recorrei a Santo Antônio;
Vereis fugir o demônio
E as tentações infernais.



Fonte: Autores (2015).

FIGURA 3

Livro de orações de Monte Alegre

No caminho dos Penitentes do Alto do Tabor há uma estreita relação de sua história com o transcendente. A própria escolha do nome do maciço rochoso no qual ergueram a cruz e o chamaram de “Alto do Tabor” nos envereda por esse caminho, pois Tabor na Bíblia é o nome do lugar onde ocorreu a transfiguração de Jesus.

Esses homens ocupavam um determinado lugar dentro da hierarquia social, comum às famílias da época e entraram para a história mesmo sem ter se revelado ou se autoproclamado como tal.

Quando perguntamos sobre a possibilidade de algum desses penitentes ter desistido ou se desviado da irmandade, temos uma resposta que comprova o papel, o lugar de respeito, dignidade e honradez ocupado por esses homens. Nas palavras de Baixa Verde: “Ser penitente não é para qualquer um não, tem que ler muito e seguir os ensinamentos de Santo Inácio de Loyola, tem que ser devoto de Nossa Senhora e viver dentro da lei da santa igreja”.

A memória desses anciões revela registros de um passado que nos faz destacar a importância do reconhecimento da memória do indivíduo enquanto acervo pessoal e coletivo pois, como nos diz Bosi (1994), ela se encontra relacionada tanto com a família, como com a classe social, com a escola, com a religião e com a profissão. Enfim, com os grupos de convívio, de referências peculiares aos indivíduos.

Conforme os nossos entrevistados, os penitentes eram homens que se reuniam em um local isolado como o Alto do Tabor, na Vila São Bernardo (Luís Gomes/RN), ou em uma construção (casa ou capela), com o propósito de realizar preces coletivas e de se autoflagelar. Como expressou Bom Jardim, acima, usando a

expressão: “se açoitavam”, essa prática da autoflagelação pode ser constatada, também, quando Baixa Verde (2015) conta que: “criança não podia participar dos rituais de autoflagelação” e que “as mulheres, mais velhas, sabiam quem eram os penitentes, mas não diziam”.

Também existe a “disciplina” (um chicote feito de tiras de couro com lâminas de aço em uma das extremidades) de fabricação dos próprios penitentes do Alto do Tabor, (demonstrado na figura abaixo). Essa “disciplina”, durante os rituais sagrados, voavam, repetidas vezes, de encontro ao dorso fazendo-o sangrar.



Fonte: Autores (2015).

FIGURA 4

A Disciplina que pertenceu a um dos Penitentes do Alto do Tabor

415

Durante a entrevista, Baixa Verde nos convidou para, no Alto do Tabor, realizar uma demonstração de como se dava a autoflagelação. Colocou o capuz, retirou a camisa e usou a “disciplina” [Silêncio].

A penitência estava relacionada com os valores morais; com o que dizia respeito ao sacrifício e à oração – a fé, constituindo-se de elementos quase palpáveis e com as preces representando um poder sobre-humano de se fazer chegar ao transcendente.

O encontro com o sagrado se configurava na relação com determinados valores, como podemos apreender na narrativa que se segue:

Inácio era um rapaz jovem, mas não dava valor a reza, a religião, a santo, o negócio dele era a devassidão. Desonrar, matar, estuprar, e achar que tava bom; escânio [= escândalo]. Porque diz o seguinte, tem uma passagem no livro de São Cipriano que as pessoas já fazem o bom e o ruim, que é melhor tá arruado de seisentomili [= seiscentos mil] conto que um escandeloso, porque um escandeloso quanto mais dia, a pessoa já ta pecando também, e (...) seisentomili conto, rezou aquela oração o cão vai embora e se catigasozin né? (BAIXA VERDE, 2015).

É possível evidenciar a ênfase que o entrevistado imprime ao esclarecer que um homem que leva uma vida de devassidão, voltada para os prazeres da carne se encontra em uma vida de pecado.

O depoente demonstra que, para ser aceito na irmandade, um homem precisava demonstrar sua honra. E o caminho da honra é a retidão, é a vida liberta dos vícios materiais. Quando fala sobre a história de Santo Inácio, Baixa Verde as mescla com as possíveis orientações do livro de São Cipriano. Livro que ficou conhecido em função do repertório da tradição popular, dos contos e episódios traçados ao longo do tempo, fruto de uma oralidade que ainda se faz presente em âmbitos populares.

De acordo com Ferreira (1996), o livro de São Cipriano proporciona uma visualidade do mundo místico, pois traz figuras, segmentos de imagem, fragmentos de geometria e números mágicos, oferecendo ao leitor religioso, ávido por respostas para suas inquietações, todo um sentido figurado de como alcançar seus propósitos através de orações poderosas e de fórmulas que muito se aproximam da mágica. “Difícil será dizer onde tudo começou, o que existe de falso ou verdadeiro, de “imposto” ou resgatado”. (FERREIRA, 1996, p. 44).

Baixa Verde (1995) colheu, em sua vivência, ensinamentos dessa literatura e destacou a orientação tanto Santo Inácio como de São Cipriano para seguir no caminho do bem. Ele diz que a pessoa falsa, desonrada, escandalosa, que mancha o nome da família com comportamentos inadequados “se catinga sozin” – no sentido de ser abandonado ou dever abandonar o meio em que vive. Pois, “é melhor tá arruado de seiscentos mili conto que um escandeloso”.

A palavra “conto” aqui tem significado do mal. Para o entrevistado, é melhor estar cercado de muitos pecadores comuns do que de um pecador escandaloso. Escandaloso para ele é aquele que se entrega aos vícios da vida mundana, que ignora sua responsabilidade dentro da comunidade. Assim, um homem penitente, temente a Deus deve servir de referência, sendo um exemplo a ser seguido.

Os entrevistados possuem uma visão a respeito de Santo Inácio de Loyola como um homem comum, cheio de pecados e vícios, *um devasso* nas palavras de Baixa Verde, mas que, através da penitência, dos jejuns e das orações, alcançou a graça da salvação, tornando-se santo.

A penitência é, pois, uma das chaves para essa passagem. Se esse santo, que foi tão humano (quanto qualquer outro homem da Vila), castigou-se e foi acolhido

por Deus em suas necessidades, um penitente, que igualmente acredite no milagre da fé e na expiação dos pecados, através de arrependimentos sinceros, amparados por palavras e ações que designam obediência, humildade e comiseração, também pode ser atendido.

Constatamos uma forte relação da história dos Penitentes do Alto do Tabor com a história de Santo Inácio de Loyola que chegou (via literatura) na cultura religiosa do lugar onde floresceu essa irmandade. A crença de ser atendido pelo transcendente, de se chegar até Ele através da oração, dos cantos, das súplicas e da autoflagelação, humaniza e santifica o homem.

Uma última prosa, ainda (ou não)

A cultura religiosa dos penitentes do Alto do Tabor, embasada nos ensinamentos de Santo Inácio de Loyola, de São Cipriano e de outros livros de orações, bem como da religião, influenciaram esses homens de fé, desejosos de se aproximar do sagrado.

A história desses penitentes se encontra, ainda, na memória dos poucos representantes vivos da existência desse período. Devido ao cerco do sigilo, no qual essa irmandade esteve constituída, não nos é possível dizer a totalidade de suas práticas de penitência e uma data precisa da sua constituição. A análise nos ajuda a expressar um possível surgimento, no início dos anos de 1930, estendendo a sua existência, possivelmente, até os primeiros anos da década de 1990.

A memória dos penitentes do Alto do Tabor é dotada de uma riqueza expressa de forma imaterial na cultura local, constituindo um patrimônio delicado que se submete às vicissitudes do tempo e verificação da história.

A fé daqueles homens se constituía como um elemento quase palpável, cujas orações, benditos e autoflagelação representavam um veículo para alcançar os “ouvidos” do Divino. Essas práticas os fortaleciam e alimentavam na crença e nas razões de ser e de existir.

O lugar onde proliferou essas práticas penitenciais está impregnado de sentidos e significados construídos em um processo histórico no qual se conjugaram/conjugam espaço geográfico, patrimônio familiar e histórico, espaço público, lugares íntimos, afetos e paisagens humana e natural.

A importância do tratamento dado à história do lugar se configura como uma busca na valorização de múltiplas identidades culturais e sociais, respeitando-as,

defendendo-as e fortalecendo a cidadania. Nesse processo, a dinâmica social se remodela em função do tempo e das necessidades daqueles que viveram/vivem para contar, recontar a história.

Uma das representações que se firmou, de forma visível e palpável no lugar em estudo, foi o Alto do Tabor. As práticas penitenciais, imersa na memória da história desse lugar, sinalizam que o lugar exige uma nomenclatura e um adjetivo e que isso lhe confere características próprias, diferente (para quem o tem como especial) dos demais espaços. O nome do lugar nasce junto com ele e os adjetivos estão todos lá. Desafiante mesmo é o outro percebê-lo como convém a cada civilização, respeitando e desenvolvendo visões plurais, ao lado da percepção de que os lugares são ímpares, por vezes, insubstituíveis, intransferíveis.

Assim, concluímos esse trabalho que se abre para perspectivas de pesquisas e discussões sobre oralidade, lugar e espiritualidade na continuidade da história dos Penitentes do Alto Tabor. História que envolve um legado cultural, social, espiritual, religioso, subjetivo permeado de uma responsabilidade cujo alcance do bem (da resposta do sagrado) repousa sobre a fé do suplicante.

NOTAS

- . Trabalho proveniente de uma dissertação de mestrado.
- ². Decurião, entre os romanos antigos, dizia respeito ao chefe da decúria, ou da décima parte de conselheiros de um corpo administrativo. Entre os Penitentes do Alto do Tabor, referia-se ao líder e conselheiro espiritual que atuava dentre outros trabalhos, na condução dos rituais de penitência e autoflagelação.
- ³. Utilizamos essa expressão para denominar determinadas áreas que dificultam o acesso de pessoas ou de algo a determinados espaços geográficos.
- ⁴. Os benditos possuem uma sonoridade arrastada, como se cada palavra murmurada fosse uma súplica, que em função da melodia, chegaria aos ouvidos de Deus.
- ⁵. Município do Rio Grande do Norte.
- ⁶. O santo protetor dos penitentes é Santo Inácio, mas Santo Izídio é o protetor dos agricultores.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). *Introdução à geografia cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: B. Brasil, 2007.

CUSTÓDIO, Regiane Cristina. Narrativas de memórias e a pesquisa em história da educação. In: ANPED SUL, 9., Caxias do Sul: UFRGS; NEMAT. 29 jul.-1º ago. 2012.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

ESCOLA ESTADUAL CORONEL FERNANDES (2007). *A história e a cultura dos povos da serra do Bom Jesus*. Luís Gomes. DVD, parte II.

FERREIRA, Jerusa Pires. Livros e leituras de magia. *Revista USP*, São Paulo, n. 31, p. 42-51, 1996. Disponível: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25958/27689>. Acesso em: 8 jul. 2015.

FIGUEIREDO, Adolfo Paulino. *História de Luiz Gomes: Mil Novecentos e Quarenta*. Cajazeiras: Empresa Gráfica Rio do Peixe, 1940.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. *Revista Território*, Rio de Janeiro. ano 4, n. 7, p. 67-78, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico do Brasil, 2010*. Disponível: <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>. Acesso em: 12 set. 2015.

JURKEVICS, Vera Irene. *Os santos da igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular*. Curitiba, 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná.

MASCARELLO, Lidiomar José. Memória de trabalho e processo de envelhecimento. *Psicologia Revista*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 43-59, 2013.

MACHADO, Jana Rafaella Maia. *Entre cantos e açoitos: memórias, narrativas e políticas públicas de patrimônio que envolvem os penitentes da cidade de Barbalha-CE*. Rio de Janeiro, 2014. Dissertação (Mestrado Profissional) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria método e criatividade*. 25. ed. São Paulo: Vozes, 2007.

MOSÊ, Viviane. *Pensamento chão*. 2. ed. São Paulo: Record, 2007.

MOREIRA, Marcos Antonio; ROSA, Paulo Ricardo S. *Pesquisa em ensino: métodos qualitativos e quantitativos*. Porto Alegre: Instituto de Física, UFRGS/UFMS, 2009.

NASCIMENTO, Antônio Roberto Fernandes do. *Luís Gomes: a terra e o povo de Luís Gomes em Poesia*. Natal: Feedback, 2016.

ROHRBACHER, Padre. Santo Inácio de Loyola: soldado de Cristo. *Gaudium New*. Disponível em: <https://gaudiumpress.org/content/39036-santo-inacio-de-loyola-soldado-de-cristo/>. Acesso em: 25 mar. 2022.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. *Esboço para uma teoria das emoções*. Porto Alegre: Editora L&PM, 2011.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

TULVING, Endel. How many memory systems are there? *American Psychologist*, Toronto, v. 40, n. 4, p. 385-398, 1985.

Wilca Maria de Oliveira é Doutora em Letras e Mestre em Ensino pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), câmpus de Pau dos Ferros. Licenciada em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora Regente na Biblioteca Jorge Amado da Escola Estadual Coronel Fernandes.

Maria da Paz Cavalcante é Professora no Departamento de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), câmpus de Pau dos Ferros. Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Especialista em Metodologia do Ensino Superior e da Pesquisa Científica e Graduada em Pedagogia pela UERN.

Como citar:

OLIVEIRA, Wilca Maria de; CAVALCANTE, Maria da Paz. Penitentes do Alto do Tabor: práticas de penitência e memória na construção da história do lugar. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 18, n. 1, p. 398-420, jan./jun. 2022. Disponível em: pem.assis.unesp.br.